

**HELDER
BATISTA**
MEDALHAS COM HISTÓRIA

A exposição «Medalhas com História», representativa de quatro décadas de produção criativa do escultor Helder Batista, é a demonstração de um percurso assinalável no âmbito da medalhística e da numismática, um caminho em muitas ocasiões partilhado com a INCM.

Membro do Conselho Numismático da INCM durante 23 anos, Helder Batista transpôs muito do rigor e sensibilidade que o caracterizam para a atividade que aqui desenvolveu, patente em diversas medalhas e moedas da sua autoria e no modo como ajudou a formar e a divulgar novos valores artísticos.

As medalhas são obras de arte que, na sua essência, apresentam uma narrativa, ou seja, contam uma ou várias histórias, tanto pela alusão explícita a um determinado acontecimento ou personalidade como pela interpretação que o artista faz dessa realidade, materializada num objeto que permite uma ou várias leituras.

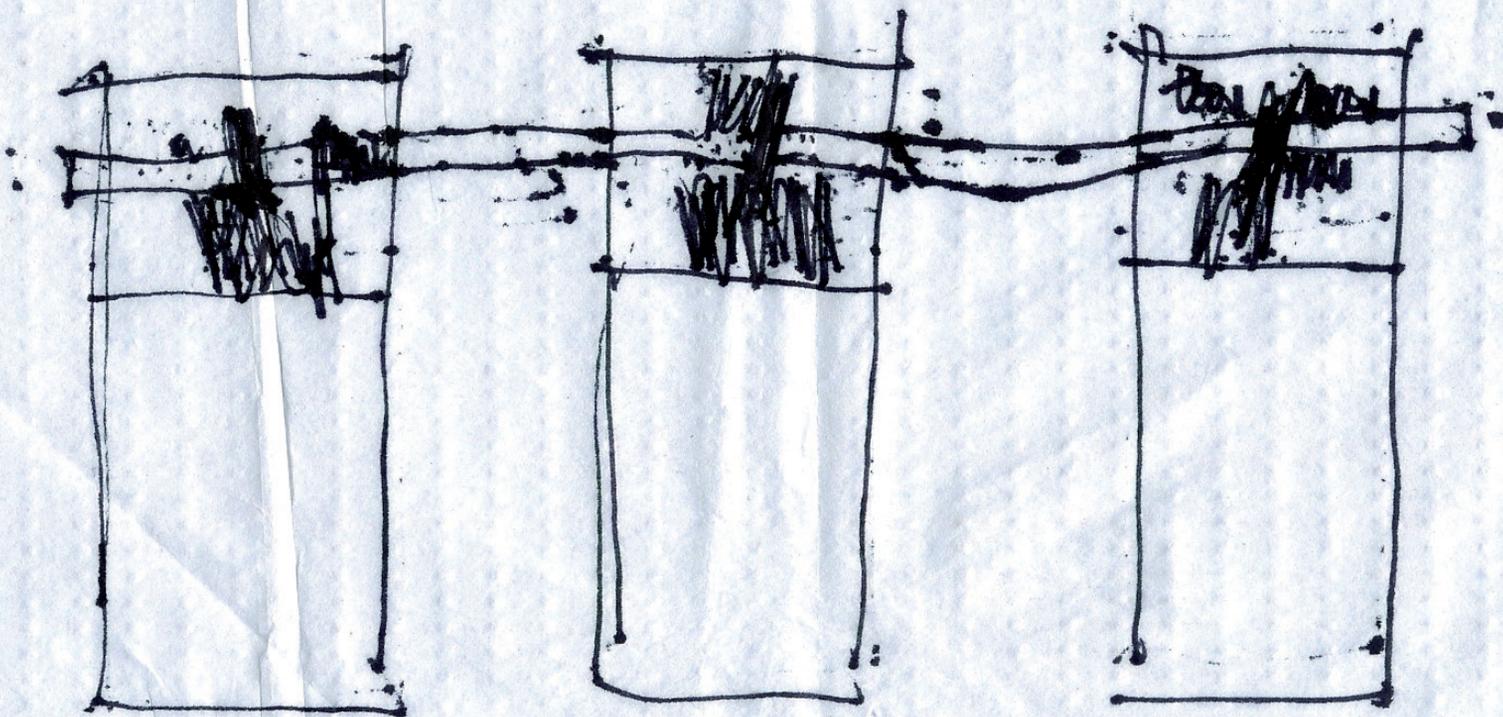
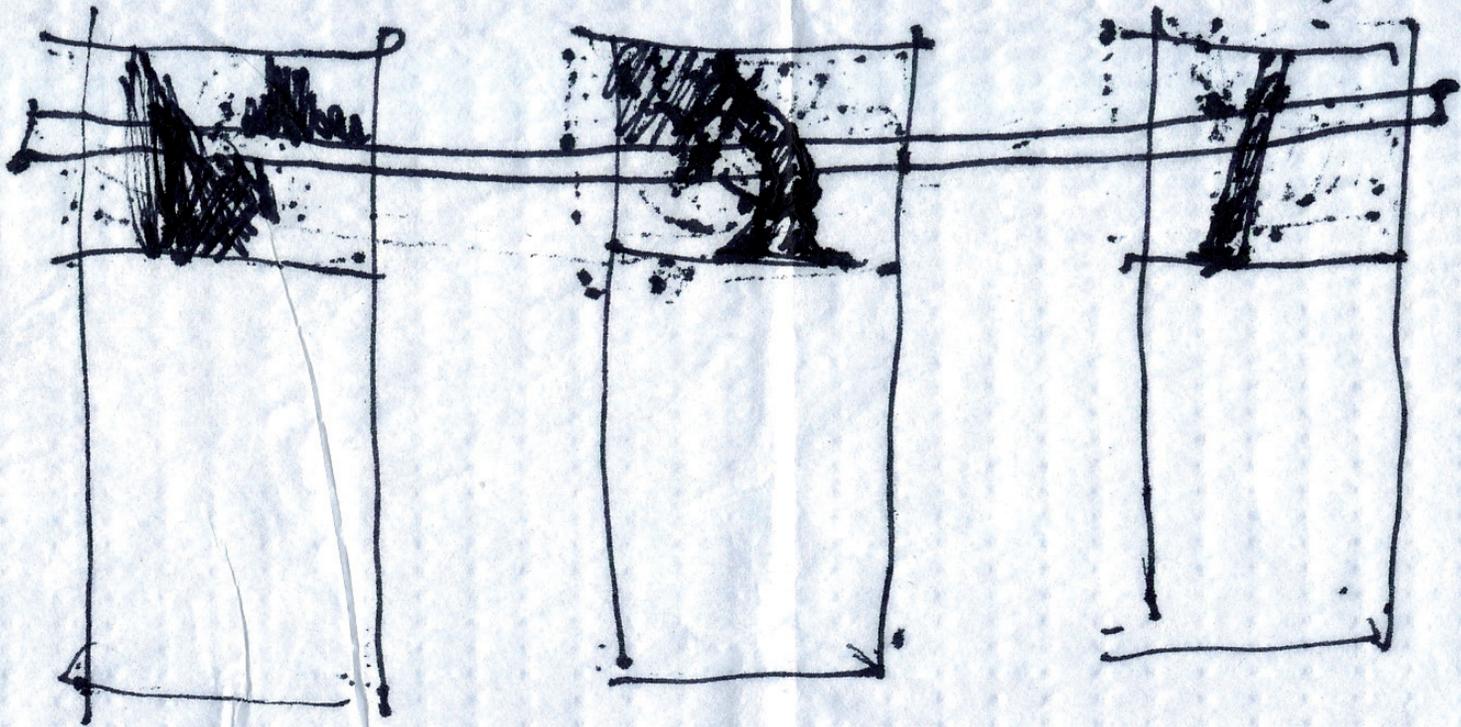
Essas leituras, ou interpretações, ajudam a gravar na memória coletiva importantes personalidades ou eventos que ultrapassam o efémero, assumindo, simultaneamente, um cunho pedagógico na transmissão do conhecimento, uma dimensão que só a Arte permite alcançar em toda a plenitude e que a INCM tem procurado valorizar.

Esta exposição e o respetivo catálogo procuram fazer justiça à obra do Mestre Helder Batista, a quem agradecemos o seu importante contributo para a arte da medalhística e da numismática, na certeza de que estas Medalhas com História fazem já parte da História da Medalha.

janeiro de 2012

O Presidente do Conselho de Administração da INCM,

Estêvão de Moura



A MEDALHA AFIRMA-SE HOJE COMO UMA DISCIPLINA INDEPENDENTE, ABERTA A TODOS OS MODOS DE EXPRESSAR EMOÇÕES E DE CONSTRUIR UTOPIAS, QUAISQUER QUE SEJAM AS SUAS RAÍZES. ELA JÁ NÃO É APENAS UM PRODUTO DE UMA PRÁTICA ESCULTÓRICA. PELO CONTRÁRIO, ASSUME-SE COMO UM ESPAÇO ARTÍSTICO E PLÁSTICO PRÓPRIO, GERADOR DE ESTÉTICAS INOVADORAS. ESTAS, OBRIGAM A QUEM NELA DE DEMORA A MANTER UM DIÁLOGO SEMPRE RENOVADO COM CADA PEÇA. O TEMPO DE POSSUIR, CLASSIFICAR E ARRUMAR, ESTÁ JÁ ULTRAPASSADO; PORQUE AS NOVAS MEDALHAS EMITEM PERMANENTEMENTE NOVAS MENSAGENS E DESAFIOS, OS QUAIS PODEM NÃO SER IMEDIATAMENTE PERCETÍVEIS.

MEDALHAS COM HISTÓRIA – HELDER BATISTA

Uma exposição retrospectiva da produção medalhística de Helder Batista, sob o manto e o teto institucional da Imprensa Nacional - Casa da Moeda, é, a todos os títulos, um acontecimento invulgar.

Recorrendo a uma expressão muito cara aos historiadores, os factos que fazem invulgar este acontecimento são o tempo e o modo. O seu tempo e o seu modo. Uma outra forma de dizer, a la Ortega y Gasset, o homem e as suas circunstâncias.

Antes de avançar mais, impõem-se uma prévia declaração de interesses e um esclarecimento. A declaração de interesses vai no sentido de que sou familiar do autor e nessa qualidade tenho com ele privado nos últimos trinta anos, dos quase quarenta que levamos de conhecimento mútuo. Sou por isso, e com muito orgulho, testemunha privilegiada do percurso histórico e artístico que esta exposição documenta. Já quanto ao esclarecimento, ele poderá não resultar tão evidente assim, mas atrevo-me a dizer que este texto não pretende ser um panegírico da obra e do seu autor!

Porque, em boa verdade, e no meu muito modesto entendimento, o panegírico teve a sua época. É certo que terá ainda hoje a sua função, mas, para além de outras considerações que poupo a quem se dê ao incómodo de ler estas linhas, um exercício retórico de evidenciação da qualidade artística deste escultor de sonhos, para além de intelectualmente criticável, seria deslocado e redutor.

Helder Batista é um escultor português com obra de relevo declinada em várias manifestações artísticas, um professor da Escola Superior de Belas-Artes, hoje Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, que, não se alheando de todas as outras, vem dedicando uma atenção e um carinho muito especiais a duas formas de expressão artística que estão particularmente próximas: a Numismática e a Medalhística.

Enquanto português, Helder Batista escapa decisivamente àquela pecha que José Gil identifica como marca quicá mais determinante do nosso «medo de existir» – o receio, a dificuldade, em assumirmos a nossa «inscrição», a nossa marca. Já não consegue, porque dele

não depende, libertar-se desse outro nosso fado que é vermos reconhecidos «lá fora» (a forma como, sem disso nos apercebemos, assumimos o nosso isolamento...) valores que, internamente, são quase por completo desconhecidos.

É um facto que o homem que habita este artista não é dado a espalhafatos mediáticos, nem tão pouco cultiva os «salões» da actualidade.

Tanto pior para os celebrados quinze minutos warholianos, cuja mais difundida e mais redutora tradução despreza. Mas desengane-se quem veja nisto uma manifestação de ascetismo. Existirão provavelmente muito poucos seres humanos com tamanho sentido epicurista e simultaneamente tão pouco dados a excessos.

Talvez por isso o reconhecimento público que granjeou fora de portas e que lhe valeram a atribuição do Prémio J. Sanford Saltus, atribuído pela American Numismatic Society, pela obra realizada na área da medalhística e no seu ensino, em 1998, e do Prémio Internacional de Carreira, na Feira de Numismática de Vicenza, em 2010, tenham tido tão diminuta, para não dizer inexistente, repercussão dentro de portas.

A Imprensa Nacional - Casa da Moeda, cujo Conselho Numismático integrou até há bem pouco tempo, conta entre a sua produção algumas peças emblemáticas da sua autoria, com particular destaque para a última série corrente de escudos – nesta, são suas as moedas de 1, 5 e 10 escudos – e para o último escudo cunhado em Portugal, entre outras. Como conta com várias medalhas, que constituem prova provada e palpável de como o autor sabe interpretar os desafios que lhe vão sendo colocados.

Faço aqui um parêntese porque a isso mesmo obriga a palavra «palpável» que utilizei com segunda intenção. Palpável é aquilo que se pode palpar, que é manifesto ou evidente, mas também material e concreto. Palpável, fruível e perceptível na palma de uma mão é, em princípio, um dos objetivos e uma das condições de uma medalha. Algumas destas medalhas têm outra história e contam outras estórias.

No entanto, sobretudo naquelas em que mais claramente se dá a perceber a exaltação das modelações e dos tratamentos volumétricos, o tato colabora com a visão na leitura do trabalho do artista. É matéria do domínio da sensibilidade e do sensorial, que mais se manifesta e mais se evidencia nesse momento.

Não que esta «regra» seja absoluta ou omnipresente nas medalhas com história que se mostram. Até porque o Helder Batista que hoje temos diante dos nossos olhos continua a encerrar em si a mesma rebeldia e o mesmo desconforto com a norma que, de forma aparentemente paradoxal, sempre caracterizaram este ser humano para quem o rigor e a disciplina, no seu trabalho e na sua vida, são condições essenciais de estabilidade e autoestima.

De cada uma das 41 peças que compõem esta exposição, ressalta um espírito (muito) inquieto e sempre na busca de novos desafios e de novas fronteiras, que constitui um primeiro sinal do «modo» em Helder Batista. Acontece que a exposição surge num tempo em que, não tendo ainda decidido dar descanso ao seu espírito e à sua veia criadora, muito antes pelo contrário, o autor pode «arriscar» um ensaio retrospectivo da sua obra em medalha. Submeter as suas medalhas com história à apreciação de quem se interessa por esta forma de arte, guiando-nos, através das peças por si escolhidas, num percurso por quatro décadas de criação, mas também de partilha.

Que é outro elemento distintivo em Helder Batista, porque a partilha é um dos valores intrínsecos do seu «modo». Partilha e transmissão, não fora ele professor, mestre, colega e amigo de muitas gerações de artistas plásticos.

Partilha e transmissão que, curiosamente e para quem o conhece na intimidade, constituem um grito de revolta face às posturas, certamente muito «académicas», mas pouco ou nada pedagógicas, que foi encontrando ao longo da sua vida. E não lhe perguntem por confrontos ou ajustes de contas, porque nada disso o move ou interessa. Move-o antes um percurso académico, pessoal, profissional e intelectual pautado pela coerência, que é mais um elemento que marcadamente o caracteriza.

Registo, a propósito da caracterização do autor, da sua obra, e essencialmente da sua relação com o mundo que o rodeia, a forma natural, espontânea, mas também avisada e consequente, como se deixa interpelar por luz, sombras, perspectivas, cor, volumes. E como se serve dessa interpelação para, em total imersão com os seres, objetos ou situações, alimentar a sua veia criadora.

Porque Helder Batista, posso e devo afirmá-lo, se alimenta mais do que o rodeia e de quem o rodeia, do que de qualquer outra fonte dada. E afirma, neste processo, talvez um dos seus segredos mais bem guardados: a sua contagiante e até perturbadora disponibilidade para se deixar deslumbrar pelo belo, pelo bem gizado e pelo bem conseguido.

A propósito, e não estarei certamente a cometer uma inconfidência, recordo-me particularmente de quando o ouvi falar pela primeira vez de Eduardo Chillida. De tal forma foi impressiva e apaixonante a sua exaltação das características mais marcantes e da força plástica da obra deste basco, que nunca mais consegui deixar de associar o nome de Chillida à noção de escala, ao vencimento do desafio da intervenção escultórica perante a grandiosidade da paisagem natural, mas também ao domínio magistral do espaço e da matéria.

Talvez por isso releve a questão da escala, nesta dinâmica criativa e despojadamente interativa que caracteriza Helder Batista. Ou talvez seja porque os seus olhos, hoje mais cansados e mais frágeis, aparentam dispor de uma capacidade de aferição da adequada proporcionalidade de cada peça, de cada objecto, independentemente de qual possa ser a sua função.

«Muito interessante!», «que escala fabulosa!», «não tem escala...», «está muito bem desenhado!», são expressões que me habituei a ouvir ao longo dos anos. De quando em vez, dou por mim a contestá-lo, a tentar contrariá-lo, a desafiá-lo ou a dele duvidar. Nada que um genuíno e capacitado professor não resolva com a sua insistência numa leitura mais atenta da peça em causa ou do seu enquadramento, com mais uma passagem pelo local, mais uma volta a uma praça, ou apenas uma singela, mas tantas vezes tão determinante,

tão diferente e tão reveladora oferta de um plano ou de um volume à fonte de luz que sobre ele se projeta.

Tal como quando, recorrentemente, vai por ali e não por aqui, em ordem a poder verificar como se vai afirmando e desenvolvendo um projeto de um colega, de um antigo aluno ou de «artistas» de outras áreas. Porque é verdadeiramente um professor-sempre-aluno que aqui está em causa.

E se nesta imagem procuro sintetizar a afirmação daquela que julgo ser uma das suas maiores qualidades profissionais e pessoais — o seu total e permanente empenhamento na missão de ensinar e de transmitir conhecimento, alimentado por uma insaciável sede de informação — também nela encontro explicação bastante para a sua espantosa capacidade de diálogo e de aprendizagem com todas as gerações. Já nome bem conhecido no meio, enquanto professor continuava a sustentar um mutuamente profícuo debate com os seus alunos, não se coibindo de afirmar que com eles aprendia, pois sim senhor!

Porque, para o homem e para o professor (a quem, por estratégia de socialização, comecei e me habituei a tratar por Mestre e hoje, por maioria de razão, assim trato) a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem é biunívoca. Com ele, só assim para ele faz sentido. Uma palavra final para uma inovação (mais uma!) que este catálogo encerra e que é, a um tempo, produto do conjunto de características que o identificam, e prova evidente de como a partilha e a coerência, para além de uma disponibilidade intelectual sem limites, são, em Helder Batista, qualidades inatas.

De facto, ao longo destas páginas vamos encontrar alguns textos e testemunhos de personalidades, todas elas de alguma forma relevantes na medalhística nacional contemporânea — desde o técnico gravador e pequeno industrial, ao conhecedor, trader, antigo delegado e presidente da FIDEM, passando pela atual delegada nacional desta federação, por colegas escultores e medalhistas, contemporâneos e discípulos — a quem o autor convidou a escolherem uma sua medalha, para sobre ela produzirem comentários, apreciações,

estórias, que cruzam e complementam, em modo sincrónico, a diacronia da história que cada medalha alberga e que sugeriu o título desta mostra. Não será exactamente o «milagre dos pães», mas é, sem dúvida, uma ideia muito enriquecedora. Desde logo, para o espírito.

João Rebocho Pinto
Antropólogo

1974
25 DE ABRIL DE 1974
Bronze cunhada, 70 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

Homenagem ao 25 de Abril de 1974 – obra prima da autoria do Prof. Escultor Helder Batista.

Medalha circular de bronze cunhada, nem grande, nem pequena mas de tamanho certo, esta é a peça que mestre Helder Batista esculpiu nos idos de 70. Representa a sua homenagem ao 25 de Abril de 1974 e mostra-nos, de modo exemplar, como tratou o baixo-relevo. Dois soldados, num perfil afro-português, de lábios grossos e carnudos, de narizes finos e afilados, de olhares que procuram, com determinação, a esperança num mundo melhor. A G3, que a mão de um deles aperta, recebeu no cano essa flor vermelha, o cravo, que escolheu por ser a mais simples, duradoura e simbólica. Do outro lado, a pomba. Não segura no bico o tradicional ramo de oliveira. Não é a pomba de Noé, mas é certamente a pomba da paz!

É medalha que, pela sua conceção e realização se enquadra, de modo exemplar, na obra do autor. É medalha que nos honra a todos nós.

Carlos Baptista da Silva
Advogado





1979
ANO INTERNACIONAL
DA CRIANÇA
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500 / INCM
Primeiro prémio do concurso aberto pela INCM
Primeiro prémio no concurso internacional da FIDEM em Lisboa



1980
DUZENTOS ANOS DA CASA
PIA DE LISBOA
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500/INCM



1980
IV CENTENÁRIO DA MORTE DE LUÍS DE CAMÕES
Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

Um dos aspetos que fazem da medalha um objeto particular, autónomo e distinto das outras representações artísticas é, entre outros, a sua relação directa com a escala antropométrica. Devido às suas reduzidas dimensões e objectivo a que se destina – transmitir uma mensagem – é muitas vezes apelidada de «cartaz de bolso». É sem dúvida um território de comunicação poderoso, a sua extensão definida torna-se num desafio para o autor – a codificação da mensagem e ao mesmo tempo a sua subtil leitura, através de jogos de luz e de sombras que acentuam o seu conteúdo.

Uma das características deste trabalho é permitir, ao fruidor, viajar entre o anverso e o reverso, através de uma mesma linguagem que se torna o fio condutor. O observador é convidado a passear, conduzido pelo jogo que se desenvolve entre formas côncavas e convexas do campo da medalha.

Os elementos gráficos são de uma absoluta subtilidade, característica, aliás, de toda a obra do Mestre Escultor Helder Batista, enriquecidos pelo diálogo que se estabelece entre luz e sombra.

Maria João Ferreira
Escultora







1981
VINTE E CINCO ANOS
DA SEPSA
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500/SIC



1982
125 ANOS DA ESCOLA
PRÁTICA DE ARTILHARIA
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500/SIC



1982
75º ANIVERSÁRIO DE
FERNANDO LOPES GRAÇA
Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / SIC

«Canta pois, o homem sozinho para se encontrar e libertar-se:
E, com os outros homens, para se vencer.»

Dois artistas encontram-se nas duas faces de um disco metálico,
cruzando a música com a arte da medalha.

O Escultor retratando e enaltecendo a figura e a obra do Maestro
Lopes Graça.

O Maestro permitindo a Helder Batista temperar o frio metal, com
alma e criação, projetado no relevo a sua arte.

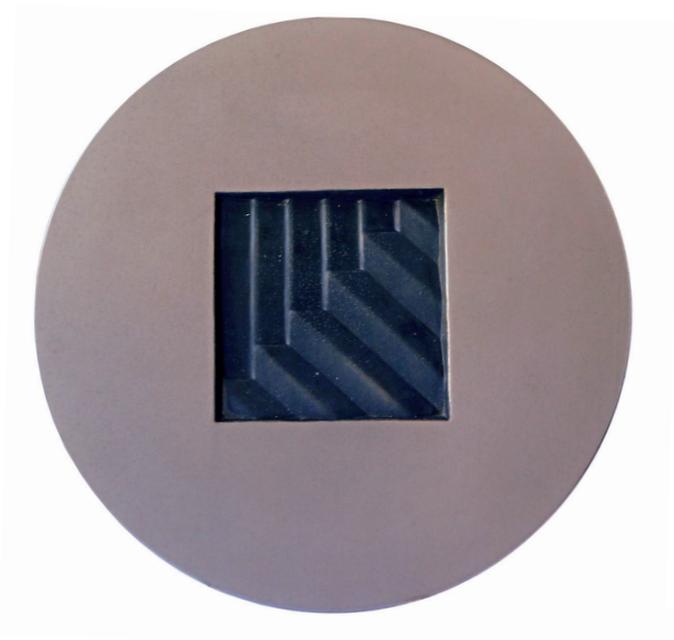
Vitor Santos
Escultor



1983
ANIVERSÁRIO DA UNIÃO
DE BANCOS
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500/SIC
**Primeiro prémio no
concurso público aberto
pelo banco**



1986
ANO INTERNACIONAL DA PAZ
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500 / INCM



1990
700 ANOS DA FUNDAÇÃO
DA UNIVERSIDADE
PORTUGUESA
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500 / INCM



1992
 UNIVERSIDADE ABERTA
 Bronze cunhada, 80 mm,
 tiragem: 500 / GRAVARTE



1991

SOPORCEL - INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE PAPEL
Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

Com o mesmo brilho da lua, a expressão formal do conjunto revela-nos uma referência objetiva e identificativa da matéria evocada, constituindo-se no seu suporte através de uma base ou estrutura orgânica a que se sobrepõem e opõem elementos simbólicos traduzidos por formas puras de superfícies regradadas.

As superfícies de fundo tiveram como origem uma única presença que lhes conferiu a particularidade de serem simultaneamente positivo/negativo; esta ambivalência pode traduzir a capacidade de uma autosustentação, reprodução e renovação, assim como o espaço físico/material que se lhe interpõe nos revela, além de uma indissociabilidade, um afastamento ou percurso no tempo.

... À organicidade e agitação dos ritmos de base sobrepõem-se formas codificadas, impressas numa pele pura, serena e permissiva, que numa segunda leitura são também símbolos de transformação através da manipulação e domínio da matéria.

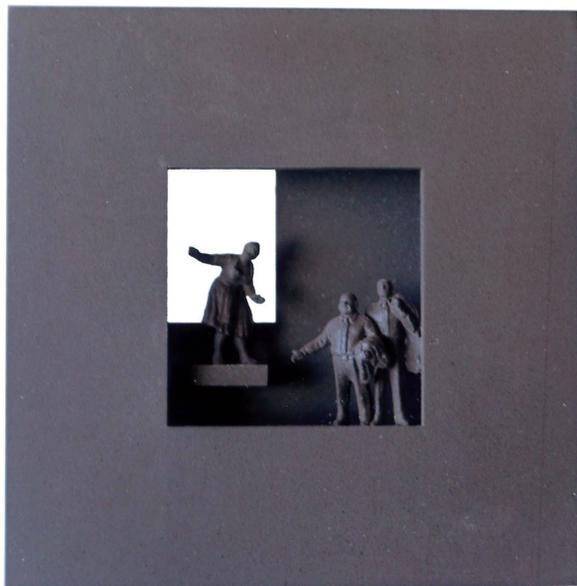
Alípio Pinto
Escultor







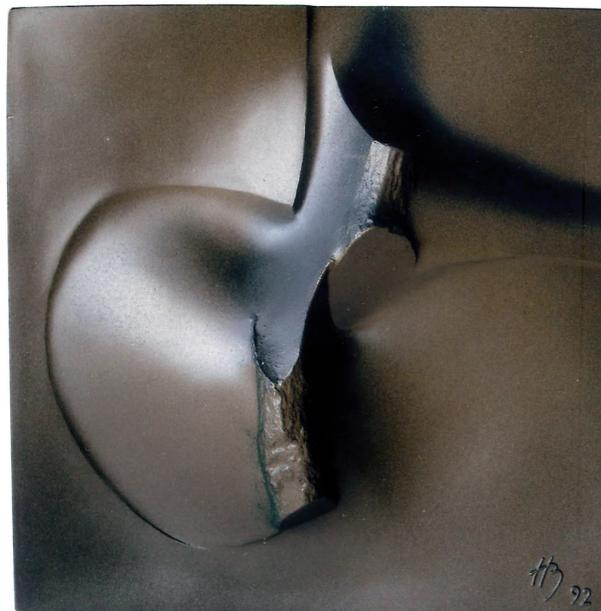
1992
VACADA
Acrílico colado, 80 mm,
tiragem: 10/Autor



1992
TEATRO E A VIDA
Acrílico colado 75 x 75 mm,
tiragem: 10/Autor



1992
RELEVOS DE HELDER BATISTA
Bronze cunhada, 80 x 80 mm,
tiragem: 500 / GRAVARTE

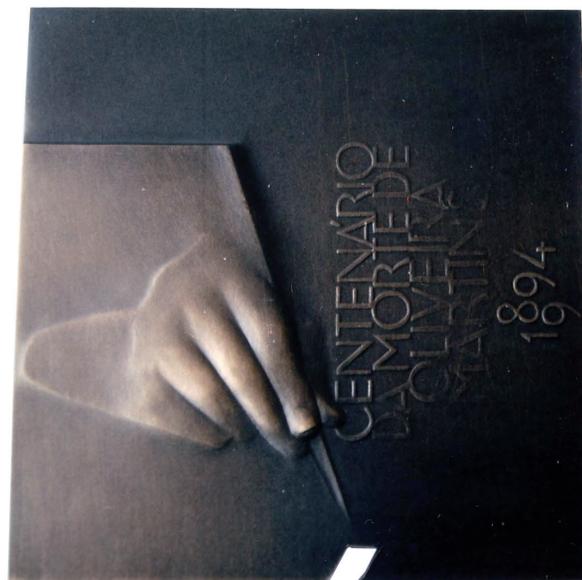




1993
HUGUENIN MEDAILLEURS
Bronze eletroerosão, 60 mm,
tiragem: 2 /GRAVARTE
**Projeto adquirido pela
Huguenin**



1993
CENTENÁRIO DA MORTE
DE OLIVEIRA MARTINS
Bronze cunhada, 75 x 75 mm,
tiragem: 500 / INCM

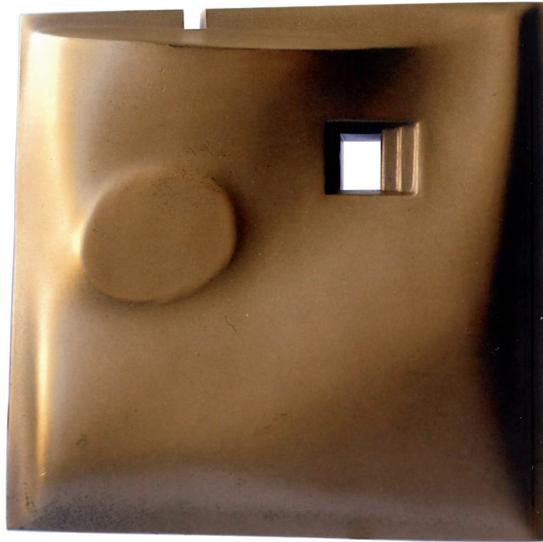




1993
 450 ANOS DE AMIZADE
 PORTUGAL - JAPÃO
 Bronze cunhada, 80 mm,
 tiragem: 500 / INCM
**Prémio para a melhor
 medalha cunhada na
 FIDEM em Budapeste**



1995
800 ANOS DO NASCIMENTO
DE SANTO ANTÓNIO
Prata cunhada, 40 mm,
tiragem: 1.000/INCM



1995
80 ANOS DO LABORATÓRIO
NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL
Bronze cunhada, 70 x 70 mm,
tiragem: 500 / GRAVARTE

1995
NATÁLIA CORREIA
Bronze cunhada, 60 mm, tiragem: 50/ GRAVARTE

Criar, refletir e comunicar fazem parte dessa herança que nos ficou dos tempos da Escola de Belas-Artes (FBAUL): uma certa forma de estar, de ser, de pensar e fazer, que informa as nossas vidas numa cultura que nos foi transmitida e na qual Helder Batista teve um papel determinante.

Escrever sobre uma medalha de Helder Batista é reflectir sobre um episódio de um trajecto de alguém que vem repensar o conceito e o lugar da medalha à escala global: redefinir na composição o papel das formas, dos volumes, da modelação, das legendas, das patinas, dos formatos, mas também inovar nos processos construtivos e nos materiais escolhidos, procurando sempre a síntese entre forma e significado.

Esta medalha inclui-se num projeto de edição de 13 medalhas a realizar por 13 escultores que consistia numa viagem através da vida e obra de Natália Correia, com treze estações temáticas, correspondendo a cada estação uma frase, que é, pensamento e poema. Nesta obra, trata-se o tema «Iniciação» e a frase: «Só a paixão romântica pode abrir as portas da prisão em que vivemos», que corresponde à III Estação.

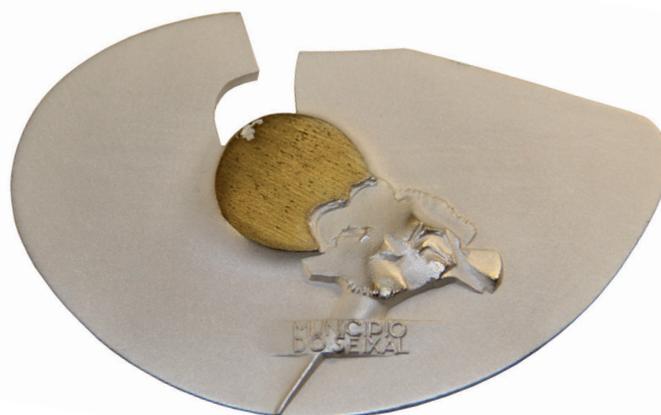
Na face plana do anverso, abre-se uma porta, passagem para outro espaço, onde habita o texto desenhado pelo punho do autor e, por baixo, um suave volume como um corpo ou paisagem. No lado de cá, um rosto pensa o poema e, nessa reflexão, abre a porta ao outro, ao exterior de nós, à paixão. No reverso da medalha, observamos o caminho percorrido a partir desse lugar exterior, a iniciação que marca a abertura para um espaço de liberdade.

José Simão
Escultor

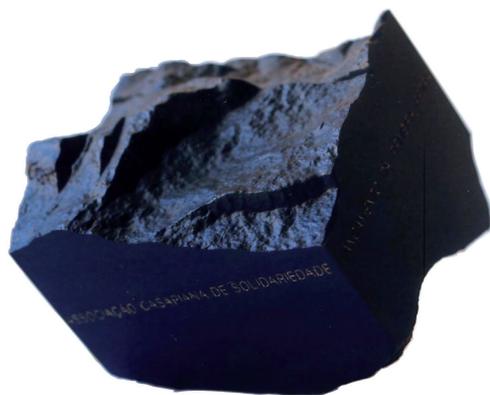
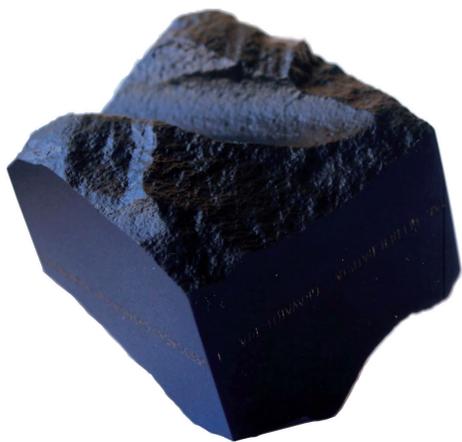




1997
PUNÇÕES E MATRIZES
Bronze cunhada, 45 x 45 mm,
tiragem: 50 / GRAVARTE



1999
25 ANOS DE ABRIL DE 1974 - SEIXAL
Bronze cunhada, 90 x 60 mm,
tiragem: 500 / GRAVARTE



1998

“PRIMEIRA PEDRA PARA ASSOCIAÇÃO CASAPIANA DE SOLIDARIEDADE”

Bronze cunhada, 45 x 45 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

Mestre Helder Batista cruza pela primeira vez, de forma mais vinçada, o caminho da medalha-objeto, fugindo ao carácter bifacial tradicional da medalha. Outra inovação é valorizar o bordo onde coloca a legenda. Sendo a primeira pedra fundamental da iniciativa primordial de um novo empreendimento, o autor utiliza como referente o tema a comemorar, reinventando-o formalmente de modo a traduzir a mesma ideia que quer transmitir. Esculpe uma pedra e o gravador, no encontro de dois cunhos em aço, sob grande pressão de um balancé e uma bolacha metálica, transforma-a num objeto de arte. A patina negra é inovadora, sendo o primeiro a utilizá-la na história da medalha nacional.

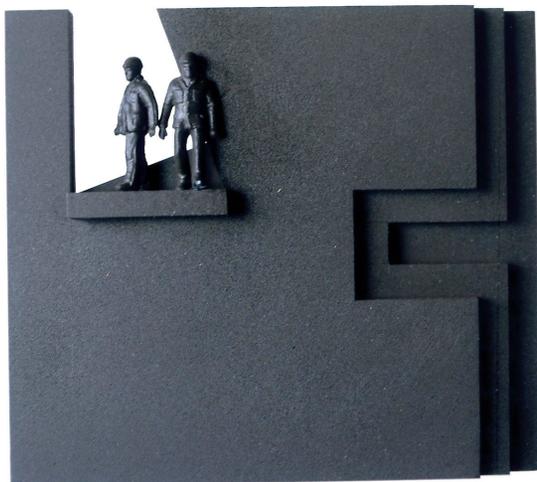
João Duarte

Escultor

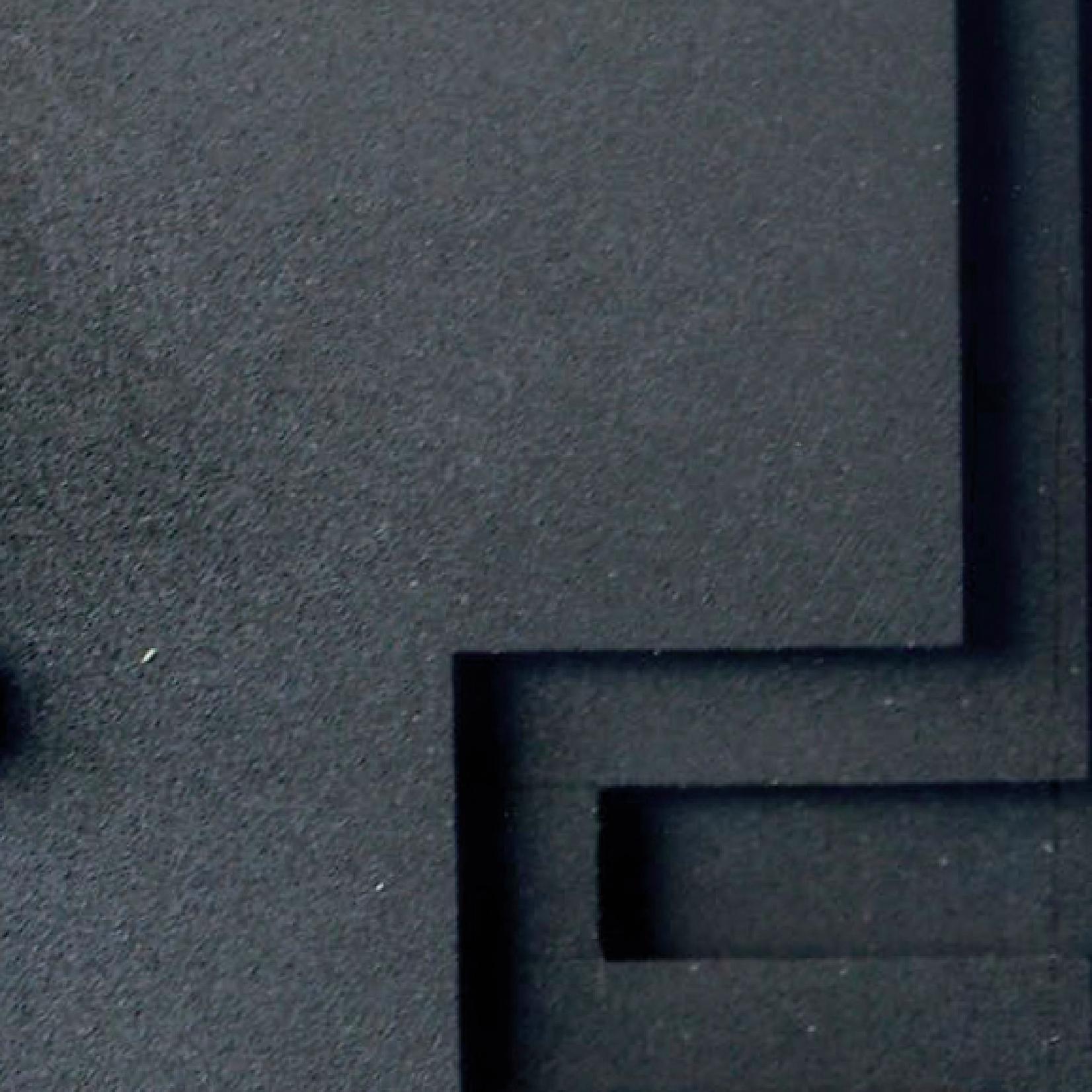
1999
GUARDADORES DE MUROS
Acrílico colado, 70 X 70 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

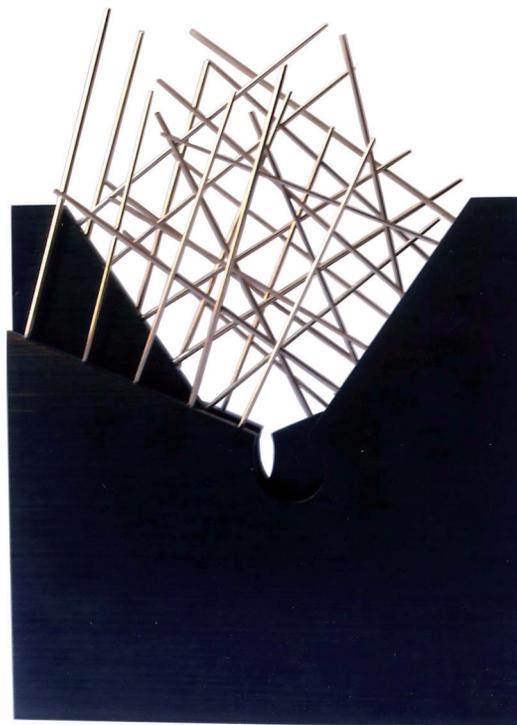
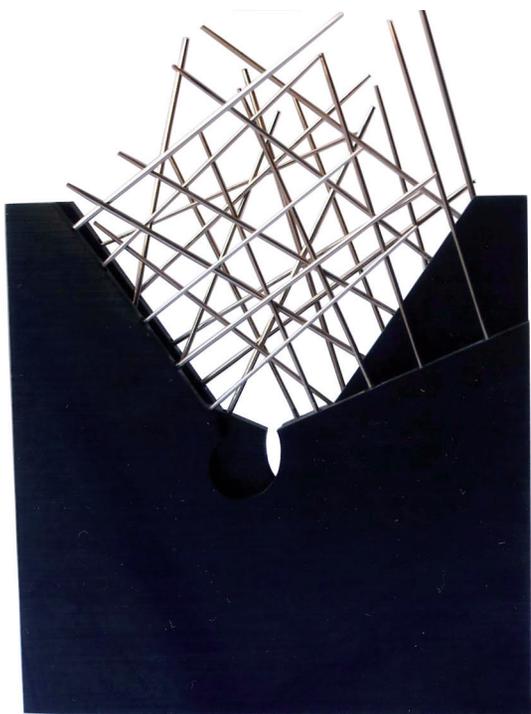
Caro Professor Helder Batista,
Em 1997 chamou a uma das suas medalhas «Guardadores de muros».
Hoje, como em 2005 (quando escrevi a propósito do seu muro pilão), embora continue a considerar essa peça um pequeno monumento, dado o efeito de monumentalidade escultórica (produzido pelo equilíbrio da escala e acerto da proporção das figuras em relação às superfícies parietais) semelhante a algumas das suas esculturas públicas, continuo a questionar-me porque lhe teria atribuído esse nome? É que, para mim, aquelas personagens não guardam muros, antes, trespassam fronteiras com a inquietação e a liberdade que o caracterizam na busca de novos horizontes.

José Teixeira
Escultor









1999

SEARA E O VENTO

Bronze e aço colados, 90 x 70 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

Prêmio da Bienal Internacional de Medalhística do Seixal

A medalha/objeto *A Seara e o Vento* é o reflexo da liberdade criativa que o autor coloca na elaboração destes objetos que no fundo são esculturas à escala da mão, feitas sob o princípio da arte contemporânea do século XX, segundo o qual os artistas plásticos, libertos pelo aparecimento da fotografia do recurso à verosimilhança e à alegoria, utilizam a plasticidade inerente aos materiais como forma de expressão plástica.

As agulhas de aço e a sua sobreposição oblíqua no objeto, remetem-nos formalmente para o conjunto dos caules de cereal numa seara fustigada pelo vento numa abordagem poética, reforçada pelo contraste cromático/negro e formal/estático do contentor, o qual, com as suas faces oblíquas, simboliza a terra/paisagem e os limites físicos da seara.

A extrapolação deste princípio para a medalhística pelo escultor Helder Batista constitui um contributo decisivo para a evolução desta forma de expressão.

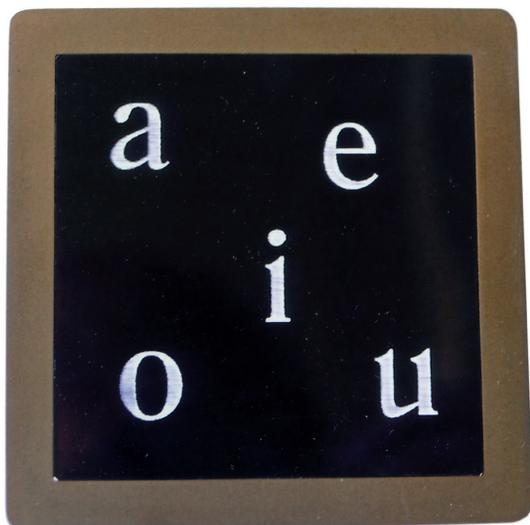
António Canau
Escultor



1999
CURSOS DE ACTUALIZA-
ÇÃO OFTALMOLÓGICA
Bronze colado, 80 mm,
tiragem: 500 / GRAVARTE



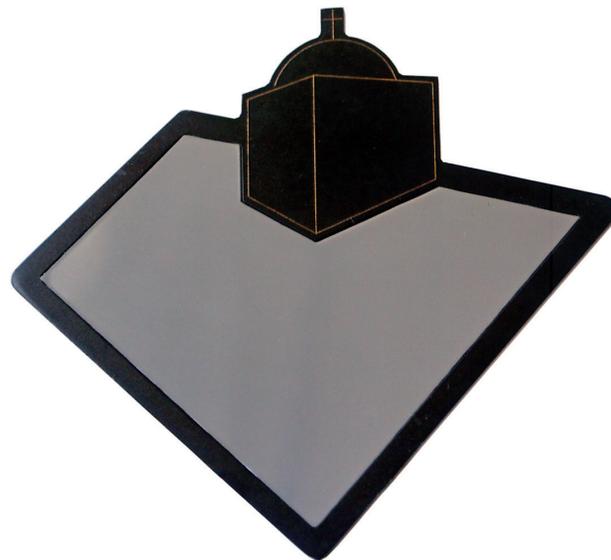
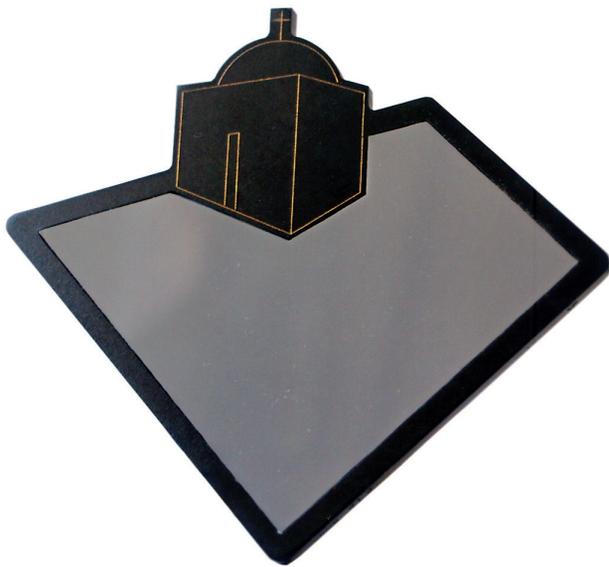
1999
PIANO PARA CONCERTO
Bronze e acrílico colados, 70 x 70 mm,
tiragem: 10 / GRAVARTE
***Prémio da Bienal
Internacional do Seixal***



2002
PRIMEIRAS LETRAS
Bronze e acrílico colados,
70 x 70 mm,
tiragem: 10 / GRAVARTE



2002
BISPO
Bronze e acrílico colados,
80 x 65 mm,
tiragem: 10 / GRAVARTE



2002
ERMIDA DO MEU LUGAR
Bronze e acrílico colados, 85 x 80 mm,
tiragem: 10 / GRAVARTE



2003
JOÃO PAULO II
Prata cunhada, 40 mm,
tiragem: 4000 / Coleções Philae



2003
DIA MUNDIAL DA ÁRVORE
Bronze fundida, 90 x 85 mm, tiragem: 300 / INCM

O Espaço-Poesia

Tenho à minha frente a medalha comemorativa do Dia Mundial da Árvore, 2003, editada pela INCM, utilizando a técnica da fundição em bronze.

Olho para ela e fico com a sensação de estar perante troncos mutilados que se recortam sobre um vazio desolador. Pura ilusão. A medalha de Mestre Hélder Batista que, como convém, cabe na palma da mão, está sabiamente composta e o jogo de cheios e vazios perfeitamente equilibrado. O desolado vazio ganha substância e é afinal a copa da árvore. As dúvidas iniciais foram dissipadas e os troncos cortados já o não são. A árvore está lá com toda a sua pujança. O Outono tornou-se Primavera. Está feita a homenagem.

Para que conste: na escultura, como na natureza, uma boa poda também tem que se lhe diga – liberta o espaço e faz acontecer poesia.

José João Brito
Escultor



2004
XXIX CONGRESSO
DA FIDEM - SEIXAL
Bronze cunhada, 80 mm,
tiragem: 500 / GRAVARTE
***Primeiro lugar no concurso
aberto pela organização
do congresso***



2004
 FERNANDO PESSOA
 Prata cunhada, 60 mm,
 tiragem: 10 / GRAVARTE



2004
SUBLIME DESEJO
Bronze e acrílico colados, 60 mm,
tiragem: 10 / GRAVARTE

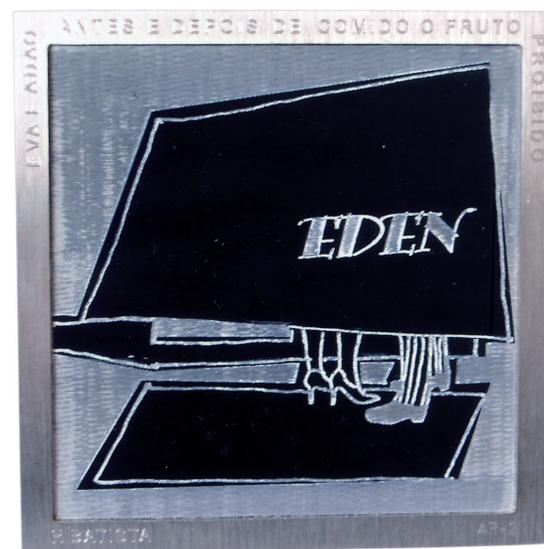


2006
CINQUENTENÁRIO DA
IGREJA DE MOSCAVIDE
Bronze cunhada com
patine de prata, 80 mm,
tiragem: 200 / GRAVARTE
**Grande prémio no XXX
Congresso FIDEM**

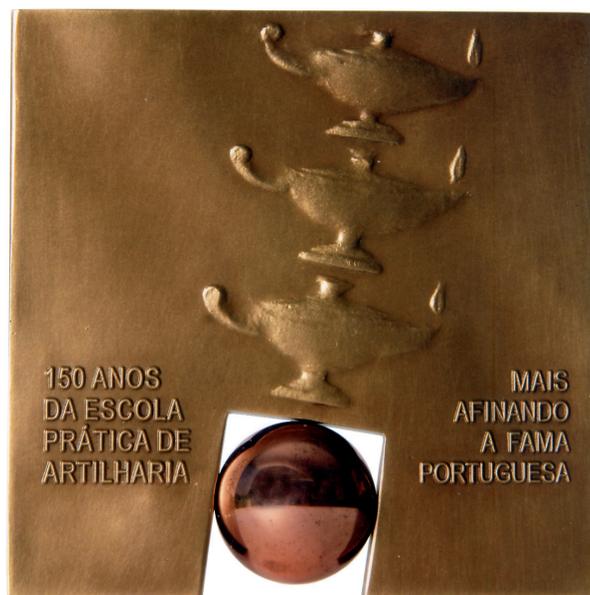


2006
PÃO DE SONHOS
Colagem de acrílico com
fio de alpaca, 40 x 40 mm,
tiragem: 20 / Autor





2008
 ADÃO E EVA ANTES E
 DEPOIS DE COMEREM O
 FRUTO PROIBIDO
 Aço e acrílico, 75 x 75 mm,
 tiragem: 100 / GRAVARTE
**Peça encomendada pelo
 British Museum (secção
 de medalhística)**



2011
150 ANOS DA ESCOLA PRÁTICA DE ARTILHARIA
Bronze e aço, 75 X 75 mm, tiragem: 250 / GRAVARTE

Para mim, esta medalha vem ilustrar exemplarmente o produto da colaboração «Universidade-Produção».

Mestre Helder Batista foi o grande impulsionador dessa colaboração, inculcando nos seus discípulos esse princípio.

Ainda me lembro que foi o primeiro Mestre, ao tempo ainda activo, a convidar um especialista metalúrgico, para, na Escola de Belas-Artes, transmitir os seus conhecimentos sobre o fabrico de medalhas.

Foi para mim uma grande satisfação ter sido eu o convidado e, daí, que ainda hoje perdura essa colaboração, que se estende aos seus discípulos.

Vasco Costa

2011
OUTRO AMANHECER (tríptico)
Acrílico e latão, 75 x 37,5 x 37,5 mm, tiragem: 10 / Autor

O que vejo aqui? Uma fantástica capacidade de invenção e de recuperação para a medalhística de modelos de outrora. Helder Batista possui a imaginação efervescente de um jovem criador, constantemente em busca de novas experiências e de novas soluções para uma arte que muitos pensam já esgotada. Olho para este tríptico transformado em medalha e comovo-me. Fechado sobre si próprio, ele é percorrido por duas fileiras de arame farpado que restringe qualquer ambição de liberdade. Mas eis que se abre e surge a esperança de um outro amanhecer: o cordame do painel central que se estende aos volantes, gravado a laser sobre acrílico negro, segue uma linha sinuosa que se adivinha prestes a quebrar-se. Tal como o tríptico medieval em marfim, percorrido de cenas bíblicas que serviam de instrução aos devotos, este tríptico feito medalha e executado em acrílico e latão, com a sua aura de esperança anunciada, é certamente um objeto intimista, destinado à devoção particular.

Maria Rosa Figueiredo
Delegada Portuguesa da FIDEM





2009
SOMBRAS PRÓPRIAS
Aço e acrílico colados, 80 mm,
tiragem: 10/Autor

MEDALHAS EXPOSTAS

1974 | 25 DE ABRIL DE 1974

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1979 | ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

Primeiro prémio do concurso aberto pela INCM

Primeiro prémio no concurso internacional da FIDEM em Lisboa

1980 | IV CENTENÁRIO DA MORTE DE LUÍS DE CAMÕES

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

1980 | DUZENTOS ANOS DA CASA PIA DE LISBOA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

1981 | VINTE E CINCO ANOS DA SEPSA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / SIC

1982 | 75º ANIVERSÁRIO DE FERNANDO LOPES GRAÇA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / SIC

1982 | 125 ANOS DA ESCOLA PRÁTICA DE ARTILHARIA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / SIC

1983 | V ANIVERSÁRIO DA UNIÃO DE BANCOS

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / SIC

Primeiro prémio no concurso público aberto pelo banco

1986 | ano internacional da paz

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

1990 | 700 ANOS DA FUNDAÇÃO DA UNIVERSIDADE PORTUGUESA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

1991 | SOPORCEL – INAUGURAÇÃO DA FÁBRICA DE PAPEL

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1992 | UNIVERSIDADE ABERTA

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1992 | VACADA

Acrílico colado, 80 mm, tiragem: 10 / Autor

1992 | TEATRO E A VIDA

Acrílico colado 75 x 75 mm, tiragem: 10 / Autor

1992 | RELEVOS DE HELDER BATISTA

Bronze cunhada, 80 x 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1993 | HUGUENIN MEDAILLEURS

Bronze electroerosão, 60 mm, tiragem: 2 / GRAVARTE

Projeto adquirido pela Huguenin

1993 | CENTENÁRIO DA MORTE DE OLIVEIRA MARTINS

Bronze cunhada, 75 x 75 mm, tiragem: 500 / INCM

1993 | 450 ANOS DE AMIZADE PORTUGAL – JAPÃO

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / INCM

Prémio para a melhor medalha cunhada na FIDEM em Budapeste

1995 | 800 ANOS DO NASCIMENTO DE SANTO ANTÓNIO

Prata cunhada, 40 mm, tiragem: 1000 / INCM

1995 | NATÁLIA CORREIA

Bronze cunhada, 60 mm, tiragem: 50 / GRAVARTE

1995 | 80 ANOS DO LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL

Bronze cunhada, 70x70 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1997 | PUNÇÕES E MATRIZES

Bronze cunhada, 45 x 45 mm, tiragem: 50 / GRAVARTE

1998 | PRIMEIRA PEDRA PARA ASSOCIAÇÃO CASAPIANA DE SOLIDARIEDADE

Bronze cunhada, 45 x 45 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1999 | GUARDADORES DE MUROS

Acrílico colado, 70 X 70 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

1999 | SEARA E O VENTO

Bronze e aço colados, 90 x 70 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

Prémio da Bienal Internacional de Medalhística do Seixal

1999 | 25 ANOS DE ABRIL DE 1974 – SEIXAL

Bronze cunhada, 90 x 60 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1999 | CURSOS DE ACTUALIZAÇÃO OFTALMOLÓGICA

Bronze colado, 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

1999 | PIANO PARA CONCERTO

Bronze e acrílico colados, 70 x 70 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

Prémio da Bienal Internacional do Seixal

2002 | PRIMEIRAS LETRAS

Bronze e acrílico colados, 70 x 70 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

2002 | BISPO

Bronze e acrílico colados, 80 x 65 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

2002 | ERMIDA DO MEU LUGAR

Bronze e acrílico colados, 85 x 80 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

2003 | JOÃO PAULO II

Prata cunhada, 40 mm, tiragem: 4000 / Coleções Philae

2003 | DIA MUNDIAL DA ÁRVORE

Bronze fundida, 90 x 85 mm, tiragem: 300 / INCM

2004 | XXIX CONGRESSO DA FIDEM – SEIXAL

Bronze cunhada, 80 mm, tiragem: 500 / GRAVARTE

Primeiro lugar no concurso aberto pela organização do congresso

2004 | FERNANDO PESSOA

Prata cunhada, 60 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

2004 | SUBLIME DESEJO

Bronze e acrílico colados, 60 mm, tiragem: 10 / GRAVARTE

2006 | CINQUENTENÁRIO DA IGREJA DE MOSCAVIDE

Bronze cunhada com patine de prata, 80 mm, tiragem: 200 / GRAVARTE

Grande prémio no XXX Congresso FIDEM

2006 | PÃO DE SONHOS

Colagem de acrílico com fio de alpaca, 40 x 40 cm, tiragem: 20 / Autor
2 peças

2008 | ADÃO E EVA ANTES E DEPOIS DE COMEREM O FRUTO PROIBIDO

Aço e acrílico, 75 x 75 mm, tiragem: 100 / Gravarte

Peça encomendada pelo British Museum (secção de medalhística)

2009 | SOMBRAS PRÓPRIAS

Aço e acrílico colados, 80 mm, tiragem: 10 / Autor

2011 | 150 ANOS DA ESCOLA PRÁTICA DE ARTILHARIA

Bronze e aço, 75 X 75 mm, tiragem: 250 / GRAVARTE

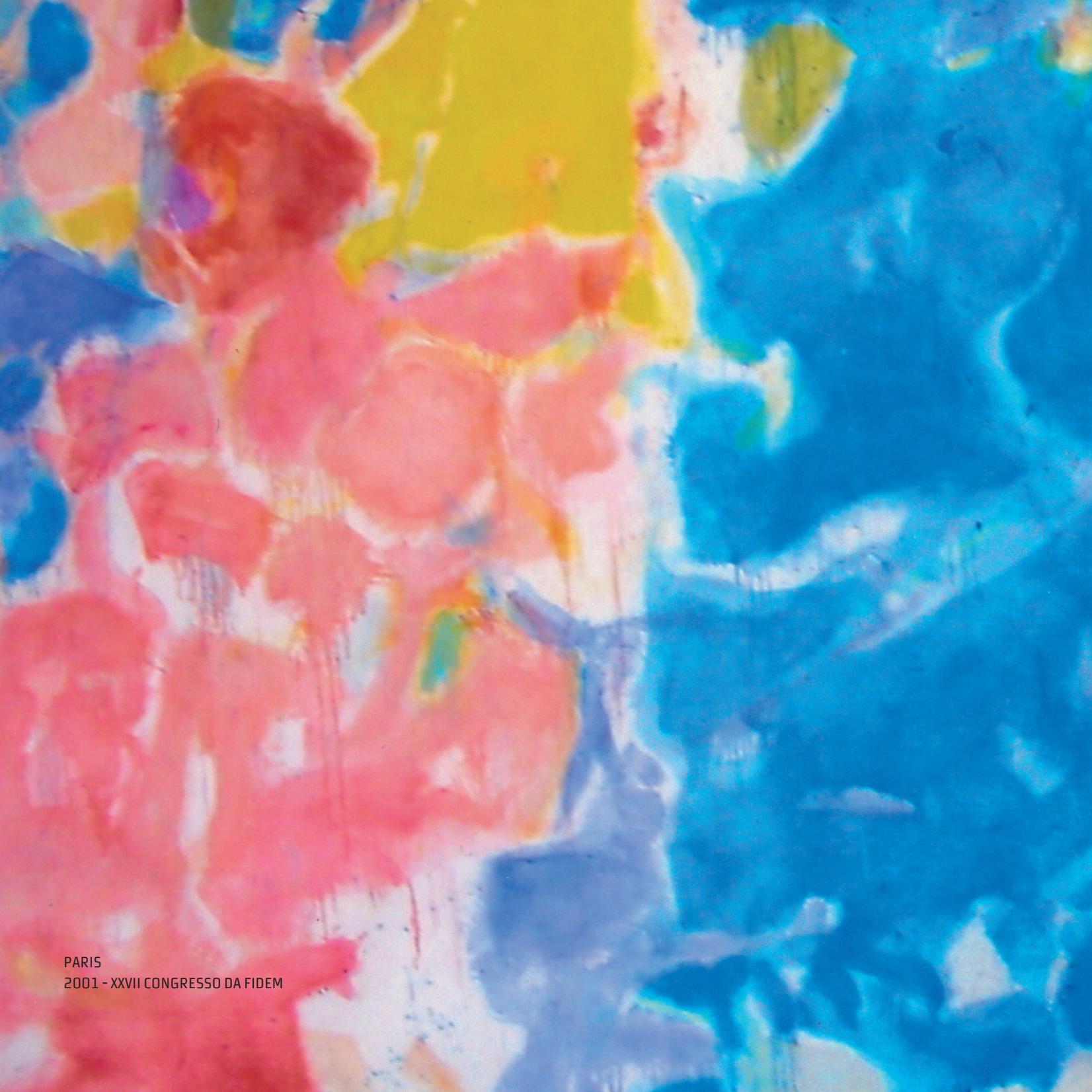
2011 | OUTRO AMANHECER (tríptico)

Acrílico e latão, 75 x37,5 x37,5 mm, tiragem: 10 / Autor

INCM – Imprensa Nacional-Casa da Moeda

SIC – Sociedade Industrial de Condecorações

FIDEM – Fédération Internationale de la Médaille d'Art



PARIS
2001 - XXVII CONGRESSO DA FIDEM



DADOS BIOGRÁFICOS

1932 | Nasce em Vendas Novas

1943 – 1950 | Frequenta a Casa Pia de Lisboa

1950 | Frequenta o curso de Escultura da ESBAL

1950 – 1957 | Bolseiro da casa Pia de Lisboa

1953 | Cumpre o serviço militar no exército onde tira o curso de Topografia.

1955 | XVIII Missão Estética de Férias, Figueira da Foz, Organizada pela Academia Nacional de Belas-Artes

1956 | XIX Missão Estética de Férias, Capuchos, Almada Organizada pela Academia Nacional de Belas-Artes

1957 – 1962 | Professor provisório do 5º Grupo na Escola Preparatória Eugénio dos Santos e na Escola Industrial Marquês de Pombal
Professor de Escultura e História de Arte na Casa Pia de Lisboa
Professor provisório na Escola António Arroio

1958 | Termina o Curso Superior de Escultura da ESBAL Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, Roma (Itália)

1960 | Bolseiro do Instituto de Alta Cultura, Milão (Itália)

1964 | Obtém o título de Professor Agregado da ESBAL, sendo convidado a continuar a lecionar

1964 – 1974 | Regente da cadeira de Iniciação à Escultura, ESBAL

1965 – 1972 | Membro da direção da SNBA

1973 | Participa no XXIII Congresso de História da Arte, Espanha

1973 – 1980 | Eleito para o Conselho Técnico da SNBA

1975 | Regente da cadeira do 4º ano de Escultura, ESBAL

1976 | No âmbito da ESBAL é responsável pela cadeira de Ergonomia nos cursos de Design de Equipamento e Design Gráfico

1979 | Representante da SNBA na Comissão Organizadora do XVIII Congresso FIDEM, Lisboa

1980 | Bolseiro da Secretaria de Estado da Cultura, México

1982 | Eleito Vogal Correspondente da Academia Nacional de Belas-Artes

1983 | Participa no XIX Congresso FIDEM, Florença (Itália)

1985 | É designado para reger a cadeira de Medalhística na ESBAL Participa no XX Congresso FIDEM, Estocolmo (Suécia)

1986 | Edição da brochura Escultura e Medalha, com texto de Rocha de Sousa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda

1987 | Participa no XXI Congresso FIDEM, Colorado Springs (EUA)

1988 | Por convite da INCM começa a fazer parte do Conselho Numismático

1992 | Participa no XXIII Congresso FIDEM, Londres (Inglaterra)

1993 | É proposto para professor associado da FBAUL

1994 | Participa no XXIV Congresso FIDEM, Budapeste (Hungria)

1995 | Pede aposentação

1996 | Participa no XXV Congresso FIDEM, Neuchâtel (Suíça)

1998 | Participa no XXVI Congresso FIDEM, Haia (Holanda)

2000 | Participa no XXVII Congresso FIDEM, Weimar (Alemanha)

2002 | Participa no XXVIII Congresso FIDEM, Paris (França)

2004 | Participa no XXIX Congresso FIDEM, Seixal

2007 | Participa no XXX Congresso FIDEM, Colorado Springs (EUA)

2010 | Participa no XXXI Congresso FIDEM, Tempere (Finlândia)

2011 | Pede demissão do conselho Numismático da INCM

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1968 | Lisboa (Galeria Interforma)
7 Esculturas Dezembro

1969 | Lisboa (Centro de Convívio da Associação do Pessoal do LNEC) 26 fevereiro – 5 março (texto de Álvaro Perdigão)

1972 | Lisboa (Galeria Opinião)
Escultura Fevereiro

1987 | Vendas Novas (Câmara Municipal) Escultura e Medalha

1993 | Loures (Museu Municipal de Loures) «Como Nasceu um Monumento» 4 – 17 outubro (textos de Rui Mário Gonçalves e Tiago Batista)

1994 | Almada (Galeria Municipal de Arte) Escultura Medalhística 26 maio – 26 junho (textos de Rocha de Sousa e Rogério Ribeiro)

1995 | Seixal (Fórum Cultural / Galeria de Exposições Augusto Cabrita) Exposição de Relevos 18 março – 26 abril (textos de Helder Batista e Rocha de Sousa) Montemor-O-Novo (Galeria Municipal) Exposição de Relevos abril – maio (textos de Helder Batista e Rocha de Sousa)

1997 | Setúbal (Casa do Bocage / Galeria Municipal de Artes Visuais) Punções e Matrizes 10 janeiro – 10 fevereiro (texto de Fernando Baptista Pereira)

1998 | Nova Iorque (American Numismatic Society) Helder Batista, «A retrospectiva» Vila Franca de Xira (Galeria Municipal) Medalhas de Helder Batista

1999 | Madeira (Casa da Cultura Santa Cruz) «topografias emergentes» (medalhas)

2001 | Lisboa (Centro Cultural Casapiano) «Harmonia dos contrários» (medalhas)

2002 | Caldas da Rainha (Museu António Duarte) «Topografias com Identidade»

2003 | Lisboa (Centro Cultural Casapiano) «Árvores de terras magras» – Desenho (texto de Pedro Cabral Santo) Vendas Novas (Museu da EPA) Múltiplos (medalhas)

2004 | Santiago do Cacém (Museu Municipal) «Dupla bidimensionalidade» (medalhas) (texto de João Rebocho Pinto)

2010 | Açores (Museu Presépio Açoriano – Lagoa) Medalhas – «Declinações» (texto de João Rebocho Pinto)

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1955 | Figueira da Foz XVIII Missão Estética de Férias 7 – 10 outubro Lisboa (Galeria Pórtico) III Exposição Colectiva de Artistas Plásticos Novembro

1957 | Almada (Conventos dos Capuchos) II Exposição de Artes Plásticas julho – agosto Lisboa (FCG) I Exposição de Artes Plásticas

1958 | Roma Salão de Hóspedes de Roma, IX Feira de Arte, Itália

1960 | Vila Franca de Xira (Biblioteca-Museu Municipal) I Salão de Artes Plásticas 22 maio – 5 junho

1961 | Estoril (Junta de Turismo da Costa do Sol) I Exposição Antoniana Lisboa (FCG) II Exposição de Artes Plásticas Lisboa (SNI) III Salão dos Novíssimos

1962 | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) V Salão de Arte Moderna Outono Lisboa (SNI) IV Salão dos Novíssimos

1963 | Porto (Galeria Domingues Alvarez Armindo, Gil e Hilário Teixeira Lopes e Helder Batista 4 – 14 maio Lisboa (Galeria Nacional de Arte)

1964 | Estoril (Junta de Turismo da Costa do Sol) II Exposição Antoniana 14 – 30 junho Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) Helder Batista, Teixeira Lopes, Rocha de Sousa

1966 | Estoril (Junta de Turismo da Costa do Sol) III Salão Antoniano 18 – 30 junho

1973 | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) Exposição 73 dezembro

1975 | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) Abstracção Hoje abril – maio

1978 setembro Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian) XVIII Congresso FIDEM

1979 | Lisboa 2ª Bienal de Artes Plásticas da Festa do Avante setembro Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) Arte Moderna Portuguesa 1968-

1980 | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) Convenções do Dizer abril – maio Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian) Casa Pia de Lisboa / Artistas Casapianos outubro

1981 | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa)

«Arte abstracta portuguesa», 1970/1980 janeiro Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) Exposição de Homenagem a Picasso

1982 | Lisboa (Sociedade Nacional de Belas-Artes de Lisboa) «Aspectos da arte abstracta 1970-80» janeiro Torres Vedras (Galeria Nova) Exposição Inaugural

1983 | Estremoz (Museu Municipal) Inauguração da Galeria de desenho 21 maio Florença (Palazzo Medici-Riccardi) Esposizione Internazionale di Medaglie Contemporanee / XIX Congresso FIDEM 10 outubro – 13 novembro

1984 | Lisboa (Galeria S. Francisco) «O nu visto por...» 12 – 22 setembro Lisboa (ESBAL) Exposição de Artes Plásticas no III Centenário da Morte de Josepha d'Óbidos outubro – novembro

1985 | Évora (Museu de Évora) II Festival de S. Lucas, Colectiva de Artes Plásticas 2 maio – 2 junho Estocolmo International Exhibition of Modern Medal Art / XX Congresso FIDEM Nova Iorque (Portuguese National Tourist Office) 10 Sculptors: Professors of Lisbon Fine Arts Superior School, Portugal

1986 | Lisboa (Galeria Príncipe Real) 5 fevereiro – 5 março

1987 | Colorado Springs FIDEM, 50th Anniversary Congress and Exhibition 11 – 15 setembro

1988 | Lisboa (ESBAL) «... O Risco Inadiável» O Caderno de Desenho – Lagoa Henriques Fevereiro Moura (Escola Secundária de Moura) «8 pintores e escultores para uma inauguração» maio Coimbra (Galeria 5) Exposição Coletiva Junho Vila Franca de Xira (Galeria Municipal de Exposições Arte Portuguesa Contemporânea 1 julho – 21 agosto

1989 | Montemor-o-Novo (Câmara Municipal) Colectiva de Artes Plásticas «Montemor-o-Novo cidade» 11 março – 19 abril Lisboa (Casa do Alentejo) 20 Artistas Alentejanos

1990 Loures (Casa do Adro / Câmara Municipal) Colectiva de Pintura? – 1 abril

1991 | Namur / Bruxelas / Dendermonde (Europália – Portugal 91) A medalha portuguesa no século XX 13 setembro – 15 dezembro Caldas da Rainha (Atelier-Museu Municipal António Duarte) 4ª Bienal Escultura Desenho Lisboa / Montemor-o-Novo / Grân-

dola / Vila Franca de Xira / Loures / Beja Medalha Portuguesa Contemporânea

1992 Londres (British Museum) In the round Contemporary Art medals of the World, XXIII Congresso FIDEM 11 setembro - 25 outubro

1993 | Amadora (Galeria Municipal) I Exposição de Medalhística da Amadora 22 junho - 11 julho Vendas Novas (Câmara Municipal) II Exposição de Artistas Alentejanos - Homenagem a Mestre Manuel Lima 23 outubro - 7 novembro Vendas Novas (Jardim Municipal) Exposição Temporária de Escultura de Ar Livre 20 - 28 novembro Seixal (Câmara Municipal) Mostra de Escultura 26 novembro

1994 | Budapeste (Hungarian National Gallery) XXIV Congresso FIDEM 11 março - 19 junho Budapeste (Dorottya Gallery) Contemporary Portuguese Medal Art - The generation of the nineteen-sixties 17 março - 9 abril Almada (Oficina da Cultura) Poemarte

1995 | Lisboa (Galeria de Arte / CTT dos Correios) Medalha Contemporânea Portuguesa - Anverso/Reverso 5 - 20 outubro

Amadora Medalha Contemporânea Portuguesa 16 novembro 10 dezembro Almeida Grupo Anverso/Reverso

1996 | Loures (Galeria Municipal) Medalha Contemporânea Portuguesa - Anverso/Reverso Rio de Mouro (Galeria de Fitaes Grupo Anverso/Reverso

1997 | Sintra (Câmara Municipal de Sintra) Grupo Anverso/Reverso Castelo Branco (Instituto Politécnico) Grupo Anverso/Reverso

1998 | Lisboa (Livreria da INCM) Grupo Anverso/Reverso Nova Iorque (Rack and Hamper Gallery) Grupo Anverso/Reverso +3 Quito Grupo Anverso/Reverso +3

1999 | Lisboa (INCM) Grupo Anverso/Reverso Lisboa (Galeria Gymnásio) Grupo Anverso/Reverso Seixal I Bienal Internacional da Medalha Contemporânea Barreiro (Galeria Municipal) Grupo Anverso/Reverso Oeiras «O Dinheiro» (Exposição Colectiva de Helder Batista e Luís Filipe Abreu)

2000 | Weimar XXVII Congresso FIDEM Lisboa (Galeria dos CTT) Grupo Anverso/Reverso +1 Gondomar (Galeria Júlio Resende) Anverso/Reverso - Exercícios sobre o Plano

2001 | Seixal II Bienal Internacional da Medalha Contemporânea

2002 | Lisboa (Galeria dos CTT) Anverso/Reverso - Exercícios sobre o Plano Paris XXVIII Congresso FIDEM

2004 | Seixal XXIX Congresso FIDEM

2005 | Santiago do Cacém (Galeria Municipal) Exposição Coletiva de Desenho

2006 | Lisboa (FBAUL) Aula Extra (exposição de professores da FBAUL)

2007 | Colorado Springs XXX Congresso FIDEM

2009 | Lisboa (INCM) Grupo Anverso/Reverso

2011 | Oeiras (Palácio Egípto) Artistas por Oeiras Medalhas e Moedas

LONDRES
1992 - CONGRESSO DA FIDEM



PRÉMIOS E ESCULTURAS INTEGRADAS

PRÉMIOS

1961 | 1º Prémio de Desenho, I Exposição Antoniana, Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril

1962 | 2º Prémio, concurso para a Medalha da Ponte da Arrábida, Ministério das Obras Públicas

1963 | 2º Prémio, concurso para a Medalha da SACOR

1964 | 2º Prémio de Escultura, II Exposição Antoniana, Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril

1966 | Medalha de Prata de Escultura, III Salão Antoniano, Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril

1979 | 1º Prémio, concurso para a Medalha Comemorativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas
1º Prémio, concurso para a Medalha Comemorativa do Ano Internacional da Criança
1º Prémio, concurso para a Medalha da Secretaria de Estado do Turismo
1º Prémio Internacional para a Medalha do Ano Internacional da Criança

1980 | 1º Prémio, concurso para a Medalha do Primeiro Centenário da Companhia Nacional de Navegação

1981 | 1º Prémio, concurso para a Medalha do V Aniversário da CIMPOR

1982 | 1º Prémio, concurso para a Medalha Comemorativa do primeiro Aniversário do Ministério da Cultura e Coordenação Científica

1983 | 1º Prémio, concurso para a Medalha do V Centenário da União de Bancos Portugueses

1984 | 1º Prémio, concurso para Monumento ao 25 de Abril, Câmara Municipal de Sintra

1985 | 1º Prémio, concurso para a Medalha Comemorativa do Centenário do Elevador do Lavra, Carris

1º Lugar no concurso público para o Monumento ao 25 de Abril em Sesimbra
O monumento não foi construído por decisão do presidente da câmara

1990 | Menção Honrosa, concurso de Escultura SECIL / Câmara Municipal de Oeiras

1992 | Prémio Gustavo Cordeiro Ramos, Academia Nacional de Belas-Artes

Prémio Calouste Gulbenkian, XXIII Congresso FIDEM, Londres, em EX-AEQUO com o medalhista inglês Alexander Lobban
1º Prémio, concurso para o Monumento do Memorial ao 4 de outubro de 1910, Câmara Municipal de Loures

1993 | 1º Prémio, concurso para o Monumento à Paz, Câmara Municipal do Seixal

1º Prémio, concurso para o Monumento ao Resistente Antifascista Alentejano, Montemor-o-Novo, URAP

1994 | Prémio Johnson pela melhor medalha cunhada, XXIV Congresso FIDEM Budapeste (Hungria)

1º Prémio, concurso para a Medalha Comemorativa do 25º Aniversário da Inauguração da Sede e Museu Fundação Calouste Gulbenkian

1995 | 1º Prémio, concurso para o Monumento ao Poder Local Democrático, Câmara Municipal do Seixal

1998 | Prémio J. Sanford Saltus, atribuído pela American Numismatic Society, pela obra

realizada na área da medalhística e seu ensino

2001 | Homenageado pelo Município do Seixal com a atribuição da Medalha de Mérito Cultural

2006 | Homenageado pelo Município de Vendas Novas com a atribuição da Medalha de Mérito Município – Ouro

2007 | Grande Prémio do XXX Congresso FIDEM, Colorado Springs (EUA)

2010 | XXXI Congresso FIDEM, Tempere (Finlândia)
Prémio Internacional de Carreira, Feira de Numismática de Vicenza (Itália)

Lisboa, INCM – Anverso/Reverso, Exposição de Medalhas e Moedas

Menção honrosa no concurso para o Centenário do Museu de Arte e História de Genéve, aberto pelo Museu

ESCULTURAS INTEGRADAS

1957 | Figuras religiosas (granito), Capela da PSP, Évora

1958 | Escultura (bronze), Estádio Universitário, Lisboa

1964 | Escultura figurativa (bronze), Mirandela

1968 | Escultura abstracta (cimento policromado), entrada de um edifício de habitação, Lisboa.
Relevo (pedra), Escola Primária de Benfica, Lisboa

1969 | Relevo (bronze), Faculdade de Agronomia, Lisboa
Estátua de Vasco da Gama (bronze), Vidigueira

1970 | Relevo (cimento policromado), Estádio de Pina Manique, Lisboa
Escultura abstracta (cimento pintado), LNEC, Lisboa
Construção (ferro e pedra), Lisboa
Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian

1971 | Santa Bárbara (ferro e betão), Vendas Novas
Escola Prática de Artilharia

1973 | Escultura figurativa (pedra), Hospital do Funchal, Madeira

1974 | Escultura abstracta (bronze), Faculdade de Economia, Porto

1980 | Escultura abstracta (ferro), Edifício da Direcção-Geral de Portos, Lisboa

1992 | Memorial ao 4 de outubro de 1910, Loures
Monumento (bronze) a Diogo Inácio de Pina Manique, Lisboa

1994 | Monumento à Paz (betão pintado), Seixal – edição de brochura com textos de Rocha de Sousa e António Baptista Pereira
Grande relevo (pedra) para edifício da Sede e Museu da Associação Nacional de Farmácias, Lisboa
Monumento ao Resistente Antifascista Alentejano (betão pintado), Montemor-o-Novo

1996 | Monumento ao Poder Local Democrático (ferro pintado), Seixal

2000 | Sentinela Vigilante (aço-corten), Monumento ao 25 de Abril, Oeiras

2001 | Sinal (ferro) escultura de grande escala na Escola António Augusto Louro, Seixal

2002 | Relevos em pedra para a porta principal do Centro Cultural Casapiano, Lisboa
Grande Caixa (ferro), Metalúrgica Coelhos

2005 | Muro Pilão (relevo de aço-corten), Laboratório de Estudos Farmacêuticos, Oeiras

2008 | 3 esculturas (aço-corten) no Jardim Público, Vendas Novas

RETRATOS

1951 | Luís Filipe Abreu (pintor) - gesso

1970 | Martins Correia (escultor) - gesso

1981 | Armino Teixeira Lopes (pintor) - gesso

1989 | Comandante dos Bombeiros do Montijo - bronze

1995 | António Santinho Martins (médico) - bronze

2005 | Joaquim de Almeida (actor), Montijo - pedra

2011 Pedro Abrantes (médico)-pedra S/D Ravasco dos Anjos (médico) - bronze
Eduardo Sampaio (engenheiro silvicultor) - gesso
António Duarte (escultor) - gesso
João Fragoso (escultor) - gesso
Euclides Vaz (escultor) - bronze
Bispo para Braga - bronze

Lisboa
2001 Centro Cultural Casapiano



MEDALHAS E MOEDAS

1970 | Cinquentenário da Casa Pia Atlético Clube (bronze cunhada)

1973 | Reunião das Sociedades de Medicina Tropical (bronze cunhada)

1975 | 25 de Abril (bronze cunhada)

Moeda comemorativa da independência de Cabo Verde (ouro)

1979 | Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades (bronze cunhada)

Ano Internacional da Criança (bronze cunhada)

Secretaria de Estado do Turismo (bronze cunhada)

1º de Maio (bronze cunhada)

1980 | Caixa Geral de Depósitos, inauguração da filial em São Paulo (bronze cunhada)

I Centenário da Companhia Nacional de Navegação (bronze cunhada)

Entre Portugueses, Secretaria de Estado da Emigração e das Comunidades Portuguesas (bronze cunhada)

IV Centenário da Morte de Luís de Camões (bronze cunhada)

Casa Pia de Lisboa, 200 Anos (bronze cunhada)

1981 | Dia do Exército (bronze cunhada)

25 Anos da SEPSA (bronze cunhada)

V Aniversário da CIMPOR (bronze cunhada)

I Centenário da Ligação Ferroviária Lisboa-Madrid (bronze cunhada)

10º Aniversário da GREMETAL (bronze cunhada)

1982 | 75º Aniversário de Fernando Lopes Graça (bronze cunhada)

Escola Prática de Artilharia (bronze cunhada)

I Aniversário do Ministério da Cultura e Coordenação Científica (bronze cunhada)

1983 | X Aniversário da Revista Moeda (bronze cunhada)

140 Anos do Banco Totta & Açores (bronze cunhada)

V Aniversário da União de Bancos Portugueses (bronze cunhada)

Manuel Rocha Medal of the ISRM, International Society for Rock Mechanics (bronze cunhada)

1984 | 25 Anos da Imprimarte (bronze cunhada)

Centenário de Elevador do Lavra (bronze cunhada)

Moeda Comemorativa do X Aniversário do 25 de Abril (cuproníquel)

1986 | 125 Anos da Escola Prática de Artilharia (bronze cunhada)

10º Aniversário da FERBRITAS (bronze cunhada)

Ano Internacional da Paz (bronze cunhada)

Moedas correntes de 1, 5 e 10 escudos do novo sistema monetário (latão-níquel)

1987 | XXV Aniversário do Concelho de Vendas Novas (bronze cunhada)

VII Conferência dos Tribunais Constitucionais Europeus (bronze cunhada)

Centenário da Construção do Porto de Lisboa (bronze cunhada)

1988 | XXV Aniversário da PROFABRIL (bronze cunhada)

Moeda Comemorativa dos XXIV Jogos Olímpicos, Seul (prata)

1989 | Inauguração do Quartel dos Bombeiros Voluntário do Montijo (bronze cunhada), GRAVARTE

Banco Nacional Ultramarino (bronze cunhada)

Universidade Aberta (bronze cunhada)

Mérito Desportivo – Câmara Municipal de Vendas Novas

1990 | 700 Anos da Universidade Portuguesa (bronze cunhada)

1991 | Europália 91 Portugal in Belgium (bronze cunhada)

Inauguração da Fábrica de Papel SOPORCEL (bronze cunhada)

Muller Award – ISRM (bronze cunhada)

Prémio de Defesa do Património Cultural (bronze cunhada)

1992 | Morphos 5 (poliuretano compacto)

Bio 3 (poliuretano compacto)

Associação 25 de Abril (bronze cunhada)

Universidade Aberta (bronze cunhada)

1983 | Condecorações do Município de Loures (bronze cunhada)

450 Anos de Amizade Portugal-Japão (bronze cunhada)

Congresso Português da Urosexopatia e Neurogénia (bronze cunhada)

125 Anos da Huguenin Medailleurs, Le Locle (latão construída)

1994 | Centenário da Morte de Oliveira Martins (bronze cunhada), INCM
25º Aniversário da Inauguração da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, GRAVARTE

Natália Correia (bronze cunhada), GRAVARTE

80 Anos do Laboratório de Engenharia Civil (bronze cunhada), GRAVARTE
VIII Centenário do Nascimento de Santo António de Lisboa

1996 | Moeda Comemorativa dos 350 anos da proclamação de N. S. da Conceição, INCM

D. António Ribeiro, Cardeal de Lisboa 25 anos como pastor de Lisboa

350 Anos da Proclamação da Padroeira de Portugal, Vila Viçosa

A minha banda

Largada

Teatro da vida – Medalha adquirida pelo Museu Britânico

Obra Acabada – Medalha adquirida pelo Museu Britânico

1997 | Punções e Matrizes, escultura de Helder Batista, Casa do Bocage, Setúbal

Moeda Comemorativa do III Centenário da Morte do Padre António Vieira, INCM

Guardadores de Muros (acrílico colado), Autor

1998 | Primeira Pedra (bronze cunhada), GRAVARTE

Associação Nacional de Farmácias (bronze cunhada), GRAVARTE

1999 | Cursos de Actualização Oftalmológica (bronze cunhada)

25 Anos do 25 de Abril de 1974 – Seixal (bronze cunhada), GRAVARTE

Guardadores de Muros (acrílico colado), GRAVARTE

Seara e o Vento (bronze e aço colados), GRAVARTE

Piano para Concerto (bronze eacrílico colados), GRAVARTE

2000 | Centenário da Morte de António Nobre (bronze cunhada), INCM

2001 | Camões (prata), Coleções Philae

2002 | Primeira Letras (bronze eacrílico), GRAVARTE

O Jogo (bronze eacrílico), GRAVARTE

Bispo Vermelho (bronze eacrílico), GRAVARTE

Ermida do meu Lugar (bronze eacrílico), GRAVARTE

Shilhueta (bronze eacrílico), GRAVARTE

Gil Vicente (prata cunhada), INCM

Centenário da Oftalmologia – Hospital de S. José (acrílico e latão), GRAVARTE

15 Anos da SIVA (acrílico e prata), GRAVARTE

2003 | Medalha João Paulo II (ouro e prata cunhados), Coleções Philae

Ledo Engano (bronze cunhada), GRAVARTE

Dia Mundial da Árvore (bronze fundida), INCM

Medalhas Honoríficas de Santiago do Cacém, GRAVARTE

Medalhas Honoríficas de Vendas Novas, GRAVARTE

2004 | Medalha do Congresso FIDEM, Seixal (bronze cunhada), GRAVARTE

Medalha Fernando Pessoa (bronze cunhada), GRAVARTE

Peixe (bronze cunhada), GRAVARTE

2005 | Medalha do Bocage (bronze cunhada), GRAVARTE

Esporas de D. Sebastião (bronze cunhada), GRAVARTE

Moeda dos 125 Anos da Ligação Ferroviária Lisboa/Carregado, INCM

50 Anos da Igreja de Moscovide (bronze cunhada), GRAVARTE

2006 | Pão de Sonhos (acrílico e fio de alpaca), GRAVARTE

Rodas do Meu Brinquedo (acrílico e fio de alpaca), GRAVARTE

Cantarei, Espalharei por Toda a Parte (acrílico colado), GRAVARTE

2007 | 50 Anos de Casados Helder/Lourri (bronze cunhada), GRAVARTE

2008 | Adão e Eva Depois de Comerem o Fruto Proibido (aço eacrílico), encomenda do British Museum, GRAVARTE

2009 | Sombras Próprias (aço eacrílico), GRAVARTE

Larga Maré (aço eacrílico), GRAVARTE

2010 | Praça Forte (ferro eacrílico), GRAVARTE

Genève (bronze cunhada), GRAVARTE

Musée d’Art et d’Histoire

2011 | 150 Anos da Escola Prática de Artilharia (bronze e aço), GRAVARTE

Outro Amanhecer (acrílico e latão), GRAVARTE

Um Tornado Não Abre uma Carta (acrílico e latão), GRAVARTE S/D

Engenheira Maria de Lourdes Pintassilgo (bronze cunhada), SIC



SEIXAL
1996 - MONUMENTO AO PODER LOCAL DEMOCRÁTICO



COLEÇÕES

Associação Nacional de Farmácias, Lisboa	Faculdade de Agronomia, Universidade Técnica, Lisboa	Centro Paroquial de Moscavide
British Museum – Secção de Moedas e Medalhas, Londres	Faculdade de Economia, Universidade do Porto	Fundação Calouste Gulbenkian
Câmara Municipal de Almada (Casa da Cerca)	Freguesia da Amora, Seixal	Carris
Câmara Municipal de Loures	Gum Museum – Kagoshima, Japão	Coleções Philae
Câmara Municipal de Mirandela	Hospital do Funchal	Centro Cultural Casapiano
Câmara Municipal de Mourão	Hungarian National Gallery, Budapeste	Bombeiros Voluntários do Montijo
Câmara Municipal do Seixal	LNEC, Lisboa	Casa da Cerca, Almada
Câmara Municipal de Vendas Novas	Museu Martins Correia, Golegã	Câmara Municipal do Montijo
Câmara Municipal de Vidigueira	Museu Municipal de Estocolmo	Câmara Municipal de Lagoa, Açores
Casa Pia de Lisboa	Museu Municipal de Estremoz	Escola António Louro, Seixal
Cidade de Montemor-o-Novo	Museu Municipal de Mirandela	Câmara Municipal de Lisboa
Direcção-Geral dos Portos, Lisboa	Museu do Vaticano	E coleções particulares de Portugal, Espanha, França, Suíça, Hungria, Suécia, Inglaterra, Japão, México, Estados Unidos da América, Polónia, Bélgica, Alemanha, Finlândia, Canadá e Noruega.
Escola Prática de Artilharia, Vendas Novas	Museu Municipal de Setúbal	
Escola Primária de São Domingos de Benfica, Lisboa	Câmara Municipal de Oeiras	
Estádio de Pina Manique, Lisboa	Patriarcado	
	Universidade Aberta	
	Casa da Moeda	

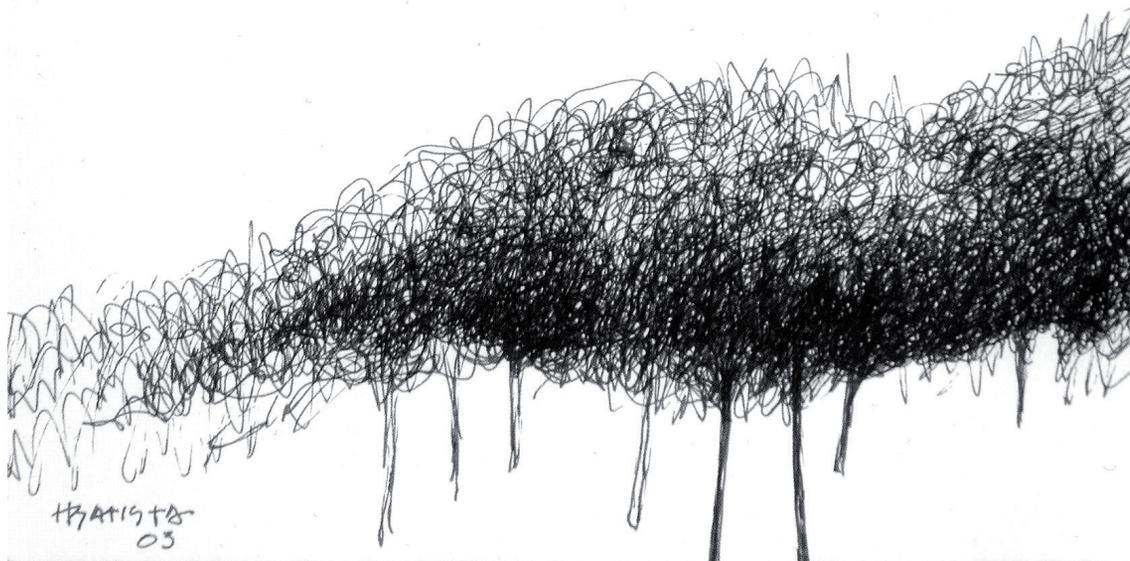
BIBLIOGRAFIA

- Séllés Pais – «O escultor Helder Batista» – *Diário de Notícias*, 1962
- Rocha de Sousa – «Sete esculturas inesperadas» – *Diário de Lisboa*, 1968
- Mário de Oliveira – «As Esculturas de Helder Batista» – *Diário de Notícias*, 1968
- Alfredo Marques – «O Problema dos Espaços na Escultura de Helder Batista» – *Diário Popular*, 1968
- Álvaro Perdigão – *A Arte ao Encontro do Público* – Lisboa, 1969
- José Augusto França – *A Arte em Portugal do Século XX* – Bertrand, 1974
- Almeida e Silva – «Camões na Medalhística» – *Sete*, 1981
- Rocha de Sousa – *Helder Batista – Formas Emergentes entre Escultura e Medalha* – Edição da Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1986
- Porfírio Alves Pires – «Sentido do tacto» – *Diário de Lisboa*, 1987
- Rui Mário Gonçalves – *Memorial ao 4 de outubro de 1910*, Câmara Municipal de Loures, 1992
- Rocha de Sousa – «Talento, ofício e projecto» – *Jornal de Letras*, 1994
- Fernando António Baptista Pereira – *O Pórtico e a Pomba* Câmara Municipal do Seixal, 1994
- Rocha de Sousa – *Em Nome da Paz* – Câmara Municipal do Seixal, 1994
- NUMIFIL – «Medalha Objecto de comunicação» – *A Capital*, 1995
- Rocha de Sousa «– *A Passagem*» URAP – Montemor-o-Novo, 1996
- Sérgio Guimarães de Andrade – *Escultura Portuguesa* – Edição dos CTT, 1997
- Fernando António Baptista Pereira – *Punções e Matrizes* Casa do Bocage, Setúbal, 1997
- Clube O Coleccionador, 1998
- Manuela Sineke e Brás Queiroz – *Escultores Contemporâneos em Portugal* – Edição ESTAR, 1999
- Arlindo Mota e Pedro Soares – *25 de Abril na Arte Pública, Formas da Liberdade* – Edição do Montepio Geral, 1999
- Rocha de Sousa – *Anverso e Reverso ou Harmonia dos Contrários* – Galeria Verney, Oeiras, 1999
- Fernando António Baptista Pereira – *O Canto da Alvorada – 25 de Abril no Concelho de Oeiras* – Edição da Câmara Municipal de Oeiras, 2000
- Victor Santos – *Teatro e a Vida*, 2001
- Pedro Cabral Santo – *HB de Helder Batista*, 2003
- Dicionário da Escultura Portuguesa*
Direcção: José Fernandes Pereira com a colaboração de Eduardo Duarte, 2005
- João Rebocho Pinto – *Quatro Esculturas*, 2007
- João Rebocho Pinto – *Um Escultor que Gosta de Fazer Medalhas*, 2010
- João Rebocho Pinto – *Medalhas – Declinações*, 2010

NOTAS

NOTAS

Helder Batista, Árvores da Feira do Gado
desenho a esferográfica s/ 42 x 30 cm, 2003



BATISTA
03

DESIGN

DMK/SCI

COORDENAÇÃO E REVISÃO

DMK/SCI / UPO

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

INCM

TIRAGEM

600 EXEMPLAES

EDIÇÃO

JANEIRO 2012

FOTOGRAFIA

HELDER BATISTA